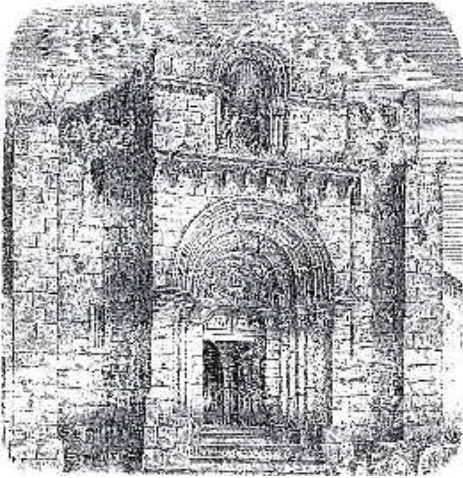


VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NA ALTA DE COIMBRA: REDESCOBRIR A IGREJA DE S. CRISTÓVÃO



SÉRGIO MADEIRA*

MARIA ANTÓNIA LUCAS DA SILVA**

“Menino que (...) passeias pelas ruas, olha à tua volta e repara que muitas coisas existem na tua terra que não foram feitas agora. Nasceram há muitos anos. Fizeram-nas homens que já morreram e dos quais ninguém se lembra. Mas eles trabalharam para ti, para todos os meninos que hão-de suceder-te (...). E tu, como nós todos, deves contribuir para que essa esperança não se perca, não seja destruída pelo tempo ou pelos maus tratos dos homens.”

Um Tesouro para Descobrir – Uma Herança para Defender,
de Natália Correia Guedes

Os trabalhos arqueológicos de acompanhamento de empreitadas de recuperação de imóveis no Centro Histórico da cidade de Coimbra têm vindo a ser decisivos na actualização do conhecimento relativamente à forma como foi através dos tempos ocupado e transformado o espaço urbano, redefinidas as relações sócio-económicas e alteradas as rotinas do quotidiano.

* Arqueólogo, Câmara Municipal de Coimbra.

** Técnica Superior de História da Arte, Câmara Municipal de Coimbra.

O edifício apresenta algumas características comuns aos imóveis da Alta da cidade de Coimbra. Nesse sentido refira-se ao nível do rés-do-chão a existência de duas portas de abertura (uma delas adaptada posteriormente a janela fixa), esquema típico através do qual uma das portas, privada, permitia o acesso à casa, enquanto a outra, aberta ao público, permitia a exploração de determinada actividade económica.

Outro traço comum à arquitectura da Alta, sobretudo nos séculos XIX e XX é a varanda corrida com guarda metálica que rasga o 3º andar.



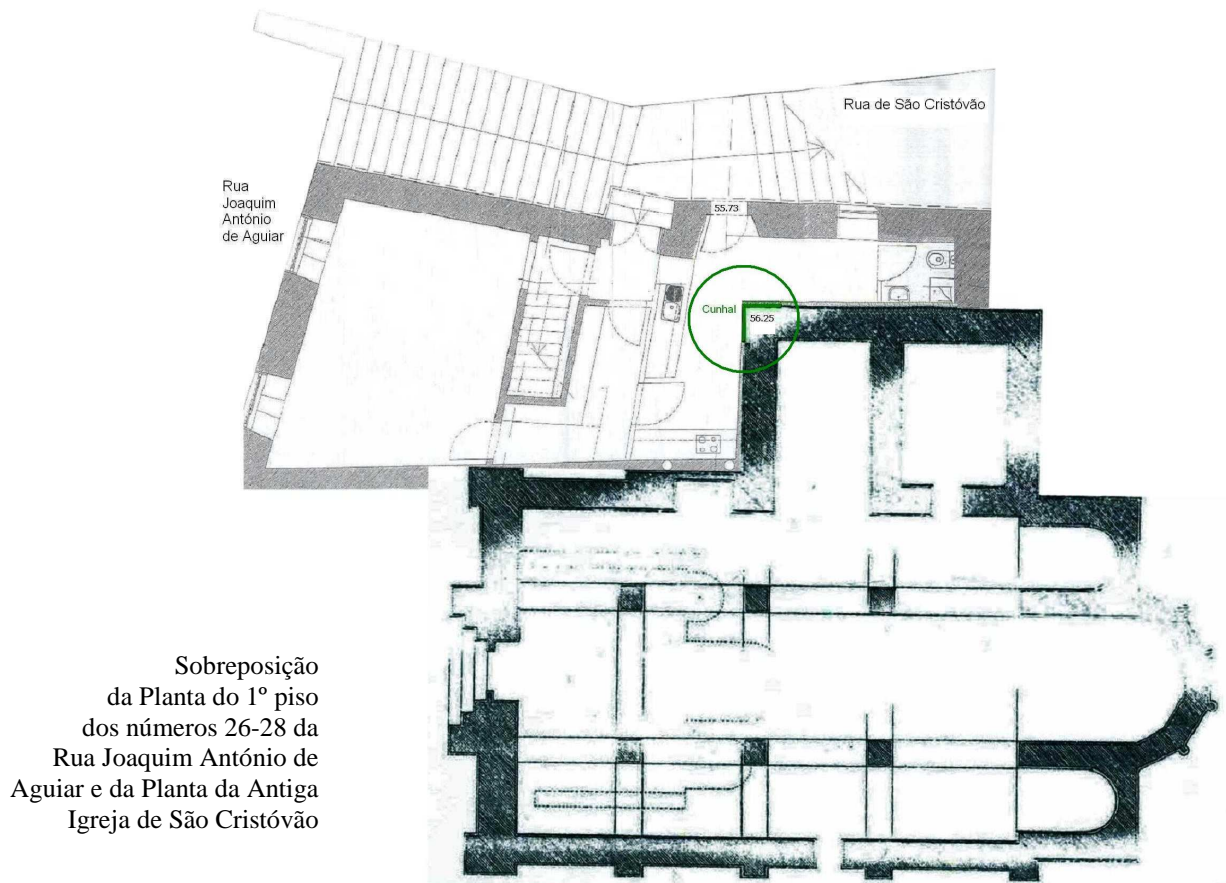
Perspectiva do imóvel sito na
Rua Joaquim Ant.º de Aguiar,
n.ºs 26-28

Através da picagem de rebocos e arranque de taipas, para além de aparelhos construtivos pobres, de pedra e argamassa, ficou a descoberto, no interior do edifício, a partir do 1º piso, um cunhal composto por pedras de grandes dimensões. Comparando a localização destes vestígios com a planta da antiga Igreja de S. Cristóvão poder-se-á concluir que tais vestígios poderão pertencer à parede de um anexo do lado norte da igreja, talvez no espaço que outrora abrangeu “(...) uma casa anexa de religiosos da regra de Santo Agostinho (...)”(SIMÕES, 1870; p. 14).

O prolongamento vertical do cunhal revela a existência de, pelo menos, dois níveis de alteamento, visíveis sobretudo no 3º piso e, muito provavelmente, relacionados com a construção e adossamento do imóvel (séculos XVIII/ XIX) e o posterior alteamento desse mesmo piso (eventualmente após a destruição da igreja no século XIX).



Remoção de argamassas inerentes ao projecto de empreitada e aspecto do cunhal em evidência



A referência mais antiga à Igreja de São Cristóvão remonta ao século XII, altura em que foi construída à semelhança da Sé Velha no seu estilo e disposição, ainda que de mais reduzidas dimensões. Sob a tutela de um grupo de Religiosos Agostinhos vindos de França este foi, assim, um dos templos mais antigos de Coimbra, sendo que se idealiza a hipótese de ter sido edificado sobre um outro templo religioso mais antigo, fundamentando-se essa teoria em vestígios de ossadas com cronologia anterior à construção da igreja românica, descobertas em escavações na década de 90 do século passado. Na planta da Igreja de S. Cristóvão (1859) pode observar-se a representação de uma cripta que poderá corresponder ainda ao vestígio dessa pré-existência.

O edifício medieval manteve-se ao longo dos séculos quase sem alterações estruturais, à excepção de algumas obras no 2º quartel do século XVIII, das quais constam um alongamento lateral a Norte no terceiro e quarto tramos e a abertura de cinco novas frestas.

No entanto, em meados do século XIX, a igreja encontrava-se muito arruinada e desprovida da importância que havia tido em tempos anteriores. Após várias ponderações, acabou por se avançar em 1859 com o desmonte integral da igreja, com vista à construção do Teatro D. Luís, inaugurado a 22 de Dezembro de 1861. A leitura da planta do teatro permite verificar que manteve grosso modo a implantação da igreja destruída, com alargamentos que resultaram na eliminação da rua e consequente adossamento da fachada sul às construções existentes e na redução da rua a nascente. Em resultado de falta de obras de manutenção e da apressada demolição da igreja, este novo edifício irá cair também em ruína e acabará por sofrer outras alterações arquitectónicas importantes na sua adaptação a cinema em meados do século XX para dar origem ao Cine-Teatro Sousa Bastos em 15 de Junho de 1914, em homenagem ao empresário ligado ao mundo do teatro.

Após uma vida de vários momentos de notoriedade o Cine-Teatro Sousa Bastos entrou num declínio que culminou com o seu fecho em 1978, ficando o edifício votado ao abandono até aos dias de hoje, encontrando-se a edificação totalmente devoluta e com sinais evidentes de degradação.



Estado actual do edifício do extinto Teatro Sousa Bastos, na sua maioria desprovido de cobertura e de miolo e fachadas com janelas partidas, rebocos soltos, vegetação nos beirados.

Considerando o seu potencial patrimonial e estético, propôs-se como medida de minimização e salvaguarda que o cumhal fosse mantido a descoberto e integrado no projecto de remodelação do imóvel em apreço.



Placas toponímicas das actuais ruas de Joaquim António de Aguiar e de S. Cristóvão



BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. de (1999), “A evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940”, Actas do I Colóquio de Geografia de Coimbra, *Cadernos de Geografia*, n.º especial, p. 1-10.

APPLETON, J. (2003), *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e tecnologias de Intervenção*, Ed. Orion, Amadora.

GONÇALVES, A. N. (1944), *Evocação da obra dos canteiros medievais de Coimbra*, Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.

HARRIS, C. H. (1991), *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, Editorial Crítica, Barcelona.

JORGE, F. (2003), *Coimbra from the Sky / Coimbra vista do Céu*, Argumentum.

LOUREIRO, J. P. (1964), *Toponímia de Coimbra*, Vol. I, Coimbra.

NUNES, M. (2003), *Ruas de Coimbra*, GAAC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Coimbra.

PETIZ, A. P. (1985), *Aeminium*, Seminário de Pré-Profissionalização - IV, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

SIMÕES, A. F. (1870), *Relíquias da Arquitectura Romano-Bysantina em Portugal e Particularmente em Coimbra*, Typographia Portugueza, Lisboa.

SOARES, A. F. et al. (1985), “Contribuição para o conhecimento geológico da cidade de Coimbra”, *Memórias e Notícias*, Publ. Mus. Lab. Mineral, Univ. Coimbra, nº 100, Coimbra, p. 41-72.

TEIXEIRA, G. et al. (1998), *Diálogos de Edificação – Estudo de Técnicas Tradicionais de Construção*, CRAT, Porto.